

ENTRE DESLOCAMENTOS DO CÂNONE E AFIRMAÇÃO DA IDENTIDADE EM *A COR DA TERNURA*

Solange Amaral da Silva, doutoranda em Letras, Linguagens e Representações pela Universidade Estadual de Santa Cruz-UESC, solange262@gmail.com, bolsista CNPq

INTRODUÇÃO

Este ensaio, desenvolvido no âmbito da disciplina *Revisão do Cânone*, no doutorado, analisa a obra *A Cor da Ternura* (1989), de Geni Guimarães, evidenciando como sua escrita promove a desestabilização do cânone literário ao narrar a experiência negra a partir de um “olhar de dentro”. A centralidade da discussão está na vivência e na experiência da autora/narradora no que se refere ao racismo, evidenciando como essas marcas atravessam a infância, a adolescência e a vida adulta. A narrativa, construída sob a perspectiva de uma criança, articula afetividade, memória e identidade, ressignificando a história de sujeitos marginalizados.

METODOLOGIA

Análise interpretativa da obra *A Cor da Ternura*, de Geni Guimarães, ancorada nas perspectivas decoloniais e do feminismo negro. O estudo mobiliza a noção de desaprendizagem do cânone em Luiz Rufino, a compreensão dos efeitos da colonialidade e da constituição subjetiva em Frantz Fanon, e a centralidade da memória e da experiência no discurso literário negro em Cuti. A análise focaliza a vivência da narradora frente às marcas de opressão vivenciadas desde a infância, que se prolongam e se intensificam na vida adulta, revelando a permanência dessas violências na formação identitária e social dos sujeitos.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

A análise de *A Cor da Ternura*, de Geni Guimarães, evidencia uma narrativa que rompe com o cânone literário ao apresentar o racismo a partir do olhar infantil e da memória afetiva. A obra humaniza sujeitos negros e dá centralidade às suas experiências, construídas no “olhar de dentro”.

A narrativa acompanha três fases da vida da protagonista, revelando os impactos do racismo na infância, os vínculos familiares e a construção do sonho de se tornar professora. O racismo aparece como elemento estruturante da dor subjetiva, evidenciado em situações de exclusão e inferiorização social.

A metáfora da “cor da ternura” amplia o sentido do título, ao associar a experiência negra não à fragilidade, mas à força, resistência e capacidade de afeto diante da opressão. A linguagem poética reforça a dimensão afetiva e crítica da obra, articulando memória, identidade e denúncia social.

A escrita de Geni Guimarães rompe com o cânone ao apresentar o mundo a partir das experiências da narradora/ protagonista, evidenciando os traumas da infância à vida adulta, bem como as barreiras impostas pelo racismo estrutural no acesso a determinados espaços. Nesse sentido, a autora questiona a ideia de uma literatura única e hegemônica, defendendo a valorização de narrativas que expressem a realidade e o pertencimento de sujeitos historicamente marginalizados.

Essa perspectiva dialoga com Rufino (2021), ao afirmar que a educação como prática de descolonização exige a “desaprendizagem do cânone”, entendida não como negação de saberes, mas como “destronamento”, possibilitando a ampliação de subjetividades e a recuperação de sonhos por meio de outras formas de sentir e narrar o mundo.

Para Cuti (2010, p. 89), “o sujeito negro do discurso enraíza-se, geralmente, no arsenal de memória do escritor negro”. Nesse contexto, a narrativa de Geni ganha destaque por ser produzida a partir da experiência de uma mulher negra, cuja escrita, marcada pelas heranças históricas da escravidão no Brasil, torna-se potente ao tensionar e romper com a hegemonia branca no campo literário.

A obra traz à tona a voz de uma narradora que vivencia questões profundas, atravessadas por experiências que se estendem entre gerações, conferindo espaço não apenas à sua trajetória individual, mas também à de sua família e às vozes historicamente silenciadas. É nessa perspectiva situada, marcada pela experiência feminina negra, que a narrativa adquire força, uma vez que emerge diretamente da vivência da narradora e de seu lugar social.

Ao produzir uma narrativa sob a perspectiva dos povos historicamente marginalizados, Geni denuncia, de modo sutil, a exploração a que a população negra foi submetida no período escravocrata e as permanências dessa estrutura na contemporaneidade. Sua escrita articula a dimensão afetiva da vida familiar com a resistência em ocupar espaços historicamente negados à população negra, especialmente o acesso à escola e o desejo de transformação social por meio da educação. Essa tensão entre afeto e exclusão se evidencia quando a narradora percebe, ainda na infância, que o tratamento social é definido pela cor da pele, como na comparação entre crianças brancas e negras no cotidiano escolar, em que comportamentos semelhantes são avaliados de forma desigual, naturalizando a inferiorização do sujeito negro.

Nesse sentido, a cena em que se afirma “mas a Janete do seu Cardoso vai de remela no nariz..., mas a Janete é branca” (GUIMARÃES, 2018, p. 46) explicita essa lógica de hierarquização racial, na qual a branquitude opera como parâmetro de normalidade e proteção, enquanto à criança negra é atribuída maior vigilância e punição. Frantz Fanon contribui para a compreensão desse processo ao afirmar que “o negro tem duas dimensões. Uma com seu semelhante e outra com o branco” (FANON, 2020, p. 31), evidenciando a cisão subjetiva produzida pelo colonialismo. No caso da narrativa, essa divisão se manifesta na formação identitária da protagonista, que aprende desde cedo a se perceber a partir do olhar do outro, internalizando os mecanismos de diferenciação racial que estruturam as relações sociais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A condição de mulher negra marca tanto a protagonista Geni quanto Geni, sua autora, estabelecendo uma relação simbólica entre ficção e experiência social. Ambas se inserem em um mundo marcado pela predominância da figura masculina, no qual, paradoxalmente, é a mulher, sobretudo a mulher negra, que emerge como força central na denúncia e no enfrentamento dos preconceitos e das discriminações que estruturam as relações sociais no Brasil contemporâneo. Nesse sentido, *A cor da ternura*, para além de seu inquestionável valor literário, configura-se como uma importante referência de resistência e de afirmação de subjetividades historicamente silenciadas, contribuindo para a problematização das hierarquias sociais e raciais ainda vigentes.

REFERÊNCIAS

- CUTI, Luiz Silva. Literatura negro-brasileira. São Paulo: Selo Negro, 2010.
GENI, Guimarães. *A cor da ternura*. 2.ed. São Paulo: FTD, 2018.
Rufino, Luiz Vence-demanda: educação e descolonização. Rio de Janeiro: Mórula, 2021.
FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. 5.ed. São Paulo: Ubu, 2020.